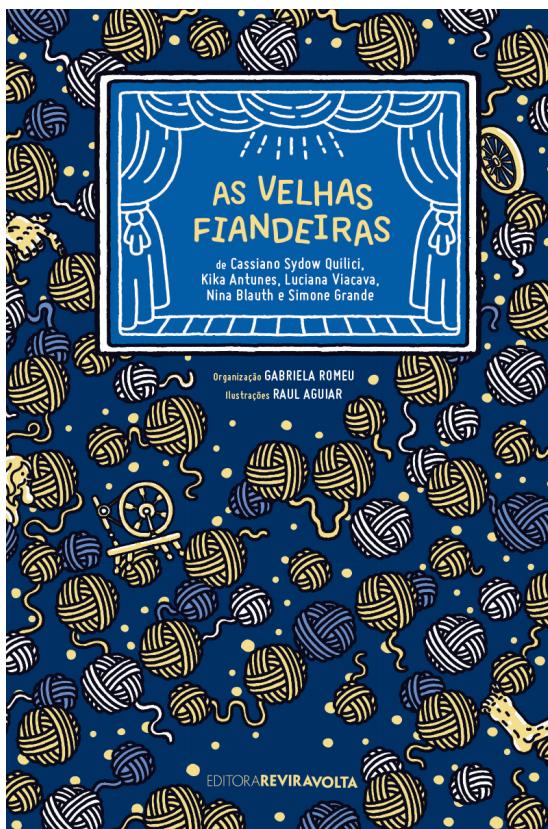


MANUAL DO PROFESSOR

As velhas fandeiras

Autoria

Natália Santana Zuccala (CEDAC)



EDITORARREVIRAVOLTA

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA NATÁLIA SANTANA ZUCCALA (CEDAC)

LIVRO
AS VELHAS FIANDEIRAS

AUTORES
**CASSIANO SYDOW QUILICI,
KIKA ANTUNES, LUCIANA VIACAVA,
NINA BLAUTH E SIMONE GRANDE**

ORGANIZADORA
GABRIELA ROMEU

ILUSTRADOR
RAUL AGUIAR

CATEGORIA 1
OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TEMAS
AUTOCONHECIMENTO, SENTIMENTOS E EMOÇÕES; FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA; AVENTURA, MISTÉRIO E FANTASIA

GÊNERO LITERÁRIO
TEATRO

EDITORAR**REVIRAVOLTA**

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Clara Diament
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zuccala, Natália Santana

Manual do professor — As velhas fandeiras / Natália
Santana Zuccala ; CEDAC. — São Paulo : Editora Reviravolta,
2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-66162-70-7

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título II.
Quilici, Cassiano Sydow, et al. As velhas fandeiras III. CEDAC

18-0955

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA REVIRAVOLTA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *As velhas fandeiras*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. Os autores e a obra:** dados biográficos dos autores e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidades interdisciplinares:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. OS AUTORES E A OBRA

As velhas fianneiras é uma peça escrita por cinco autores, o que não é predominante na história da dramaturgia e muito menos na história da literatura em geral. No entanto, no teatro, esse tipo de escrita advém de uma prática hoje comum chamada de “processo colaborativo”. Esse processo começou a ser utilizado nos últimos cinquenta anos em outros países e adquiriu intensidade de pesquisa nos anos 1990 no Brasil. Grupos como o Teatro da Vertigem, relacionado à pesquisa de seu encenador Antonio Araújo, o Grupo xix de Teatro e a Cia. Livre foram fundamentais para o desenvolvimento do processo colaborativo como prática.

Para saber mais sobre os grupos mencionados no texto e o processo colaborativo, seguem algumas sugestões:

- Teatro da Vertigem. Disponível em: <<http://bit.ly/2kzRloM>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- Grupo xix de Teatro. Disponível em: <<http://bit.ly/2H1244g>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- Verbete Cia. Livre. Disponível em: <<http://bit.ly/2LCybuy>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- Artigo sobre o processo colaborativo. Disponível em: <<http://bit.ly/2L40ol1>>. Acesso em: 28 maio 2018.

Nesse tipo de criação, atores, dramaturgos, diretores e outros colaboradores juntam-se em uma sala de ensaio e, por meio de diferentes técnicas (improvisação, escrita livre ou planejada), elaboram o texto que será encenado. Muitas vezes esse processo se inicia com base em referências predeterminadas,

artísticas ou históricas. No caso de *As velhas fandeiras*, o ponto de partida foi um conto dos irmãos Grimm chamado “As três fandeiras” e uma versão dele chamada “As três velhas”, do folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo.

Vale a pena conhecer um pouco do perfil dos autores que elaboraram a peça partindo de uma tessitura tão complexa.

Cassiano Sydow Quilici é professor livre-docente na área de teorias do teatro e da performance pelo Instituto de Artes da Unicamp e professor de graduação e pós-graduação em artes cênicas nessa mesma universidade. Autor dos livros *Antonin Artaud: teatro e ritual* e *O ator-performer e as poéticas da transformação de si*, é líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, Cena Expandida e Diálogos Transculturais.

Kika Antunes é atriz e contadora de histórias. Cocriadora do grupo As Meninas do Conto, ela pesquisa a arte de contar histórias e o teatro infantil. Atua na área da educação para crianças desde 1987, com vasta experiência em teatro e narração de histórias.

Simone Grande é atriz, contadora de histórias, diretora, professora, dramaturga e fundadora do grupo As Meninas do Conto. É pós-graduada em “A arte de contar histórias, abordagens poética, literária e performática” pela Finom e fundadora da Casa da História, lugar que abriga eventos ligados à narração de histórias e à formação de novos contadores. É professora no Centro de Formação de Contadores da Divisão de Bibliotecas Municipais e, atualmente, diretora da Fabulosa Cia. — Teatro de Histórias.

Luciana Viacava é palhaça, atriz, professora e diretora. Integra os grupos Doutores da Alegria, Piccolo Circo e Cia. do Ó. Estudou máscaras teatrais e outras técnicas voltadas ao palhaço na Kiklos Scuola, na Itália, e na École Jacques Lecoq, na França.

Nina Blauth é cantora e musicista. Integra a banda As Orquídeas do Brasil e faz parte dos grupos As Meninas do Conto, a Banda Mirim e a Cia. Cabelo de Maria.

Como é possível observar, as mãos que teceram esta peça de teatro pro-

vêm de ambientes diversos. Cassiano e Simone são mais próximos da academia, enquanto Kika, Luciana e Nina estão inseridas na prática teatral de grupo. O processo colaborativo se dá na interseção dessas diferentes experiências e perfis, além de geralmente agregar artistas com diferentes papéis dentro do teatro.

No entanto, para obter uma obra coesa, é necessário que as visões próximas sobre o fazer artístico sejam compartilhadas entre os colaboradores, o que parece ocorrer nesse grupo: a maior parte dos integrantes tem ligação com a contação de histórias e com as técnicas do palhaço, experiências que, nos dias de hoje, estão comumente ligadas ao teatro infantil.

Outra característica do processo colaborativo é que sua prática se dá muito mais nos grupos de teatro adulto do que nos de teatro infantil ou infantojuvenil. Dessa maneira, a presença de profissionais tão experientes foi imprescindível para obter como resultado a peça *As velhas fandeiras*, na qual as escolhas estéticas revelam unidade e uma coerência interna.

No processo colaborativo, todos os profissionais são igualmente responsáveis pelo espetáculo e interferem em todas as funções, buscando romper com a hierarquia da tradição teatral, que leva a maior parte dos grupos teatrais a dividir os profissionais em funções determinadas (diretor, dramaturgo, ator, iluminador, cenógrafo), bem como a tornar o diretor o centro intelectual do processo criativo. Vez ou outra, encontram-se diretores dramaturgos ou atores dramaturgos, mas isso ocorre como um acúmulo de funções, não para valorizar a interseção entre elas.

No caso de *As velhas fandeiras*, a dramaturgia que se originou do processo colaborativo contribui na tessitura desse gênero que, até então, era oriundo de uma só pessoa e de um só cérebro, o do dramaturgo. É curioso que esse tipo de dramaturgia distante do palco esteve muito mais presente no teatro classicista do que nos antecedentes, como Shakespeare e todos os clássicos do teatro grego, que participavam ativamente do ensaio de suas obras.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

As obras de teatro compõem uma parte fundamental da história da literatura, e a contribuição de dramaturgos como o clássico Sófocles e o inglês Shakespeare para a formação humana é inquestionável. Dado o fato de que, por excelência, trata-se de um gênero no qual as personagens agem, as peças exigem do leitor uma interpretação dos fatos, uma reflexão sobre o que dizem e o que fazem. Somente por essas idiossincrasias, já se tornaria fundamental inseri-las no percurso de todo leitor. Afinal, como qualquer outro gênero artístico, é preciso aprender a lê-la, analisando suas características e decodificando seus símbolos.

Em *As velhas fandeiras*, encontramos não apenas um exemplar de dramaturgia adequado do ponto de vista da temática e da linguagem, mas também alguns desafios formais interessantes e reflexões fundamentais para o desenvolvimento do adolescente. Além disso, o livro traz ao final textos bastante elucidativos que podem ser de grande ajuda e muito inspiradores para o leitor.

Do ponto de vista formal, a obra possui diversas características comuns a uma peça de teatro, como a presença de personagens principais e secundárias, diálogos e rubricas (indicações de ações, emoções, caracterização de personagens e cenário, entre outras). Além desses aspectos clássicos, a peça ultrapassa os limites do gênero dramático: em diversas situações, as personagens agem como narrador, isto é, contam à plateia o que está acontecendo ou aconteceu, com eles ou com outras personagens. Tradicionalmente, no teatro, a função do narrador está relacionada ao coro, no caso da dramaturgia grega clássica, ou a mensageiros e personagens de pouca importância, no caso das obras de Shakespeare ou do classicismo francês. No entanto, em *As velhas fandeiras*, são as próprias personagens principais que executam essa função:

MENINA

(*narrando*)

Então contei toda a minha história para aquelas velhas e elas tiveram uma ideia. (p. 37)

Como é possível observar na rubrica, nesse momento a personagem exerce no texto dramático a função de narradora. Esse recurso estético é interessante por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque gera um efeito de aproximação do artista com a plateia, uma vez que é a ela que o artista/personagem está se dirigindo. Podemos pensar ainda que se trata de uma transgressão do gênero teatral realista, o que reforça o contexto de uma peça repleta de elementos fantásticos e mágicos.

Sem dúvida, do ponto de vista do leitor, é mais difícil perceber essa característica ligada tão intimamente à performance que se dá no palco. Mas aí reside um desafio fundamental para a formação do leitor de teatro. Quando se lê dramaturgia, não basta imaginar as cenas, é preciso levar em conta o próprio espetáculo teatral e todos os seus elementos. A experiência de leitura pode preencher de significados o texto que só será pleno quando executado. Desse modo, o leitor realiza um tipo de esforço e desenvolve estratégias que levará consigo para as próximas leituras de textos desse gênero literário.

Também vale a pena destacar o fato de que *As velhas fianeiras* teve como referência um conto dos irmãos Grimm, textos aos quais os alunos muitas vezes têm acesso na infância e aos quais é possível remeter em sala de aula, partindo da perspectiva da intertextualidade — além de ser possível também um trabalho com a versão de Câmara Cascudo desse conto dos Grimm. Além disso, notamos o quanto as três velhas, figuras importantíssimas na peça, são inspiradas nas moiras gregas, mulheres que teciam o destino dos homens, outra possibilidade de desenvolvimento de um trabalho intertextual (no texto “Mitologia”, na página 65, há uma explicação sobre essas figuras mitológicas). Sem dúvida é uma referência fundamental para a peça e deve ser explorada para sua melhor compreensão.

Sobre os irmãos Grimm, sugerimos a leitura do artigo “Contos de fadas dos irmãos Grimm”, de Karen Volubuef [disponível em:

<<http://bit.ly/2ITC0hj>>; acesso em: 29 maio 2018]. O conto original dos Grimm que inspirou a peça pode ser encontrado, entre outras fontes, no volume 1 da obra *Contos maravilhosos, infantis e domésticos: 1812-1815*, traduzidos por Christine Röhrig [Cosac Naify, 2012], com o nome “A maldita fiação do linho”.

O conto “As três velhas”, de Câmara Cascudo, pode ser encontrado no livro *Contos tradicionais do Brasil* (Global, 2004). Ana Maria Machado, em *Histórias à brasileira*, volume 4 [Companhia das Letrinhas, 2010], apresenta sua versão desse conto na história “As três velhas que fiavam”.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando escolhemos um livro para apreciação, pensamos no percurso e na formação leitora do estudante. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma das competências gerais que devem ser garantidas para o segmento aqui contemplado é: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017, p. 9). Desse ponto de vista, sob a perspectiva da formação do leitor e também pensando nas habilidades presentes na BNCC, podemos notar que esse documento privilegia a diversidade como forma de orientar a progressão curricular, e, portanto, é essencial a adoção de diferentes gêneros literários no currículo. Podemos certificar o privilégio desses gêneros de forma explícita na habilidade:

(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.

Nesse contexto, *As velhas fianneiras* permite que os alunos tanto se relacionem como leitores de literatura dramática quanto, a depender da proposta, produzam textos teatrais, aproximando-os dessa manifestação artística.

Em relação às temáticas apresentadas, encontramos uma diversidade de assuntos que, além de gerar interesse, estão na ordem do dia para os pré-adolescentes do 6º e do 7º anos. A personagem principal é uma menina um tanto rebelde que deseja romper com a tradição familiar, uma vez que esta determina que seu futuro é ser fianneira como a mãe, a avó e a bisavó. Ela quer fiar seu próprio destino e não obedecer ao alheio. Num jogo metafórico deveras poético, traçar o fio de seu destino, no entanto, vai exigir dessa menina alguma resignação. Ela aceita trabalhar para a Rainha, fiendo, de modo que, após esse trabalho, possa casar com o príncipe e partir com ele para uma viagem pelo mundo. É claro que para isso ela conta com a ajuda das velhas fianneiras mágicas.

De forma bastante explícita, a peça trata do destino e da relação da personagem com ele. Com base nessa situação, pode-se explorar com os alunos dilemas que sem dúvida eles estão enfrentando e que dizem respeito a suas próprias escolhas e inclinações. A adolescência é uma fase fundamental para a formação da personalidade, na qual de fato se busca, assim como a personagem, romper com o que é imposto pela família para criar as próprias referências e a identidade. Tendo isso em vista, os momentos de leitura são ideais para explorar essa questão com os alunos, deixando espaço para que eles se coloquem pessoalmente, se identifiquem e se impliquem com a fortuna dessa menina.

Além de gerar identificação, essa peça apresenta algumas peculiaridades que exigirão dos alunos aproximarem-se de realidades diversas das deles.

Quando discutirem sobre o que faz uma fandeira, procure ampliar a conversa fazendo-os entrar em contato com diferentes épocas, profissões e realidades sociais. Essa aproximação a outros mundos é importante tanto para a formação do leitor quanto para a formação do indivíduo, que expande sua visão de mundo.

As obras teatrais também valorizam e viabilizam uma habilidade presente na BNCC com a qual muitas vezes é difícil lidar nas aulas de Língua Portuguesa: a oralidade. Os diálogos são um prato cheio para a inventividade e a prática da leitura em voz alta.

Outras competências específicas voltadas para a área de Língua Portuguesa também podem ser contempladas em relação a essa peça. Por exemplo:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 85.)

O desafio imposto na leitura de uma peça sem dúvida desenvolverá estratégias de apreciação estética, e, no caso de *As velhas fandeiras*, encontra-se um universo tão recheado de magia e fantasia que se torna ainda mais essencial exercitar a imaginação, bem como provocar nos estudantes certo encantamento pelas figuras fantásticas que aparecem na história, as três velhas fandeiras.

A leitura de *As velhas fandeiras* é ainda uma oportunidade de experienciar de forma prática as dimensões lúdicas do teatro. Atuar é jogar, brincar de ser outro, imaginar-se em outra pele, e, seja lendo, seja encenando com os alunos, trata-se de um convite para entrar nesse universo lúdico. Ademais, essa experiência de colocar-se no lugar do outro possibilita o exercício da alteridade, e o acesso às competências do campo artístico-literário:

[...] da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade. (BRASIL, 2017, p. 154.)

Há ainda outra habilidade específica de Língua Portuguesa, presente na BNCC, com a qual a leitura de *As velhas fandeiras* pode se relacionar:

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Ler na escola é um desafio para qualquer professor. Portanto, devemos olhar com cautela não somente para o objeto que escolhemos, mas também para a forma como encaminhamos a aproximação dos estudantes a esse objeto. Quando se trata de gêneros menos privilegiados no âmbito literário, como a dramaturgia, o desafio torna-se ainda maior. Delia Lerner ajuda-nos a pensar sobre algumas perspectivas de encaminhamento:

Na escola [...] a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa — entre outras

coisas — que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar” — ou “reapresentar” —, na escola, os diversos usos que ela tem na vida social. (LERNER, 2007, pp. 79-80)

Tendo em vista a perspectiva de Delia Lerner sobre o assunto, e assumindo sua efetividade, percebemos que, para ler um texto de teatro, é necessário, antes de mais nada, contextualizar sua prática social. Desse modo, antes de começar efetivamente a lê-lo, é preciso que haja um esforço do professor em compreender o que os estudantes sabem e o que não sabem sobre essa forma de arte. Não é que seja necessário que todos dominem o palco e suas técnicas, porém, para aproximar a situação de leitura de seu contexto de produção real, é imprescindível conhecê-lo e apresentá-lo aos alunos.

Relacionar a experiência discente com a prática dramática pode ser um exercício, mesmo que complexo, muito divertido, levando-os a pensar do que se compõem as peças teatrais, a entender o que cada profissional faz e seu papel para o todo, a colocar-se no lugar de atores, diretores e escritores...

A dramaturgia atinge sua máxima expressividade quando falada em voz alta, o que não acontece com a prosa e até com a poesia. O gênero teatro tem como suporte final não o papel, mas a voz, o ator, elemento fundamental para o gênero. Nesse sentido, tornam-se imprescindíveis as leituras compartilhadas. O estudante só será capaz de compreender a potência de um texto teatral se ouvi-lo. Compreenderá, somente assim e mesmo que sem total consciência, parte de suas idiossincrasias. Entender a potência de um diálogo vindo de vozes diferentes só será possível se, como professores, tentarmos criar uma situação propícia em sala de aula. Faça isso experimentando com os próprios estudantes, pedindo a eles que leiam personagens diferentes e tentem compreender suas intenções; sem dúvida, será necessário apoiá-los nessa tarefa.

Nesse sentido, é importante questioná-los quanto a suas escolhas e trazer para a consciência o tipo de leitura que eles escolherem realizar, do ponto de vista tanto da entonação quanto da velocidade e da intensidade da fala.

A leitura compartilhada será também uma situação propícia para abordar a oralidade. E, o mais interessante, nesse tipo de situação a oralidade passa a ter um sentido real e social, já que de fato as obras dramatúrgicas foram pensadas para serem lidas dessa forma, dada a situação comunicativa, a qual muitas vezes é difícil conferir à leitura em voz alta de textos em prosa. As vantagens da leitura compartilhada, no entanto, estão longe de se restringir ao âmbito teatral. Existe também uma série de impactos fundamentais para a formação leitora, como afirma Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143)

Aprender a ler é aprender estratégias de leitura. Diferentemente de outras formas de conhecimento mais declarativas, ler pode ser um objeto de ensino imprevisível e múltiplo. Se nos beneficiamos da competência de outros leitores, o fazemos também porque, apesar de existirem competências leitoras conhecidas e que devem ser ensinadas com consciência para o estudante, a depender, claro, do gênero em questão, há outras que desconhecemos e com as quais só entraremos em contato se, como professores, deixarmos os alunos falarem sobre o que estão lendo.

Nesse sentido, a condução de uma leitura compartilhada deve sempre pressupor o espaço para a singularidade, para a expressão de pontos de vista diversos, para a discordância. Mas não devemos apenas deixar os alunos fala-

rem o que pensaram sobre o que leram, mas também ajudá-los a pensar em como chegaram a tais conclusões, o que os fez pensar de uma maneira ou de outra para tal. Dessa forma, ao ajudá-los a explicitar os caminhos de suas interpretações, por meio de perguntas, nós os ajudamos a solidificar competências e habilidades leitoras. Por exemplo, interpretar a relação entre o discurso e a ação de um personagem para compreender suas características em um livro é um movimento interpretativo que pode ser replicado em muitos contextos. Deixar evidente e ajudar o aluno a realizar tais ações é fundamental, e é o principal papel do professor ao viabilizar uma leitura compartilhada.

Em *As velhas fandeiras*, as aproximações entre livro, aluno e grupo podem ocorrer, em parte, pelas trocas entre a turma. O livro trata de temas bastante adequados à idade e sem dúvida é possível, nas discussões compartilhadas, elaborar os dilemas da personagem principal em sua relação com os outros, a família e o destino.

Por outro lado, cabe a nós, professores, o papel de facilitadores de algumas pontes. Em primeiro lugar, muito provavelmente as experiências que os estudantes têm com o teatro não serão suficientes para compreenderem a complexidade dessa arte. Embora não seja necessário que eles a compreendam em sua inteireza, é imprescindível que haja um esforço no sentido de esclarecer a função dos principais profissionais envolvidos, bem como as características desse tipo de gênero. Em *As velhas fandeiras*, há ainda um elemento transgressor que precisa ser problematizado: a presença de narração na fala das personagens. É provável que os alunos percebam esse elemento como destoante, mas isso deve ser trabalhado em sala para que, ao levantarem hipóteses, eles justifiquem essa escolha dos dramaturgos.

Além disso, há algumas referências implícitas no texto que precisam ser esclarecidas. Nem sempre compreendemos todas as referências que um texto tem, principalmente aqueles que têm muitas. Mas nesta peça há três personagens que estabelecem intertextualidades fundamentais: as três velhas. Como já dito, a presença dessas três mulheres remete diretamente às três

moiras gregas. Por se tratar de seres que comandam o destino dos homens e dos deuses, trazem camadas interpretativas mais profundas para *As velhas fandeiras*, já que nessa peça esse assunto também é muito importante.

Pensemos, por exemplo, na Menina. Ela pretende interferir no destino a princípio traçado para ela, mas, para conseguir fazer isso, precisa da ajuda dessas três velhas, que, se as encaramos como tipos de moiras, então regem a vida dos seres humanos e sua fortuna. No entanto, elas são um pouco mais complexas do que isso. Se, por um lado, estão assimiladas ao governo da vida alheia, por outro, são fandeiras e representam a tradição. Assim, a ação delas nessa trama representa ao mesmo tempo resignação, por estarem ligadas justamente àquilo que a Menina queria eliminar de sua vida, e interferência no destino, uma vez que somente essa ação lhe permite dominar o próprio destino. Isto é, simbolicamente, as velhas fandeiras querem que saibamos, como leitores, que para transgredir é preciso também em alguma medida aproximar-se da tradição.

Levar essas informações aos estudantes e permitir que eles estabeleçam relações intertextuais e interpretativas, como essas e outras, é uma forma de viabilizar que desfrutem e compreendam ao máximo a leitura, extraíndo dela múltiplos significados.

Estabelecer relações intertextuais é um comportamento típico de leitores experientes, que possuem um repertório de leituras.
Segundo Colomer,

todo texto literário funciona como um tecido ou uma rede onde se cruzam e se ordenam enunciados que provêm de distintos discursos. [...] Nessa rede, todo texto estabelece relações com outros textos, porque ninguém escreve sobre o vazio, uma vez que supõe a preexistência de outros enunciados, de outras vozes

anteriores. Este mecanismo discursivo, que explica a relação que um texto mantém desde seu interior com outros textos, denomina-se intertextualidade. (COLOMER, 2002, p. 155, tradução nossa.)

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

A leitura da peça *As velhas fandeiras*, sem dúvida, exige algum tipo de aproximação anterior ao texto. Em primeiro lugar, por tratar-se de um texto de teatro, em segundo por estar relacionada a uma atividade que os estudantes provavelmente desconhecem: o fiar.

Tendo em vista essas características, uma primeira aproximação é lidar com as expectativas que os alunos têm em relação a uma obra teatral. Assim, sugerimos que você comece elaborando uma atividade em grupos, na qual os jovens tenham de escrever, num cartaz, por exemplo, as principais características de um texto teatral. Nesse cartaz, eles podem escrever ou desenhar tudo o que sabem sobre esse gênero literário, bem como o que conhecem sobre uma apresentação de teatro, seus profissionais etc. Essa atividade colocará em destaque os conhecimentos que a turma já possui sobre o assunto. O cartaz deve ser colocado em algum lugar visível na sala de aula e ser retomado durante as leituras, como uma forma de apoio à qual todos podem recorrer. No entanto, não deve ser estanque, mas flexível. Se, por acaso, perceberem durante a leitura que algumas das características mencionadas não foram observadas, é possível alterar o que foi escrito, bem como poderão acrescentar outras que ainda não tenham sido citadas. É essencial que, antes ou durante esse trabalho, sejam abordados, de alguma maneira, os seguintes elementos

básicos do gênero: diálogo, rubrica, personagem, cenário, música. Outros podem surgir, mas esses são essenciais para uma apreciação do gênero.

Também é possível, antes de começar a leitura e como forma de complementar os cartazes, assistir com os alunos a um trecho de uma encenação de uma peça infantil em vídeo. Há vários trechos disponíveis na internet — veja, por exemplo, os sites das companhias Le Plat du Jour (disponível em: <<http://bit.ly/2LHfB4P>>; acesso em: 29 maio 2018) e Cia. Vagalum Tum Tum (disponível em: <<http://bit.ly/2IZS3Gy>>; acesso em: 29 maio 2018). É aconselhável selecionar previamente o que será visto com os alunos.

Uma segunda etapa de aproximação ao contexto da peça constitui-se em deixar claro para os estudantes no que consiste o trabalho da fandeira e quais são os instrumentos usados por essa profissional. Para esclarecer algumas cenas da peça, é fundamental compreender o processo de trabalho da fandeira, que no Brasil ainda está presente em algumas regiões. Se for possível, sugerimos que você acesse com eles os seguintes sites:

- Programa que mostra o trabalho de produção do fio de algodão pelas fandeiras do distrito de Sagarana, em Arinos, em Minas Gerais. Disponível em: <<http://bit.ly/2sfs2N8>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- Programa sobre o Projeto Fio da Memória, que esclarece os procedimentos para fiar. É importante ressaltar que somente nos primeiros minutos se fala desse processo, e em seguida aborda-se o tecer. Tendo isso em vista, é interessante exibir o vídeo completo para que os alunos entendam cada uma dessas práticas. Disponível em: <<http://bit.ly/2L6Di54>>. Acesso em: 28 maio 2018.

Como forma de apoiar a leitura, é importante que eles anotem no caderno, durante a exibição dos vídeos, todas as informações que acharem relevantes para compreender a peça. Garanta que estejam descritos os materiais mais importantes para o trabalho das fandeiras, como a matéria-prima e a roda de fiar.

Há um aspecto poético na prática dessas mulheres que se pode perceber nos vídeos: o canto. Na peça as três velhas também cantam; portanto, é possível comparar o canto das trabalhadoras reais ao das personagens, adiantando algumas semelhanças entre realidade e ficção. Ao final, pergunte aos alunos: por que será que essas mulheres cantam enquanto trabalham? Eles podem estabelecer relações entre o exercício de fiar e o canto, assim como ocorre com outras profissões que envolvem a manufatura.

O projeto abordado no segundo vídeo sugerido acima se chama Fios da Memória: essa coincidência deve ser explorada durante a apreciação do vídeo. Com base nesse nome pode ser feita uma discussão com a turma sobre a relação entre a memória, a tradição e o destino. No livro, a mãe da personagem principal é fiandeira e procura manter a memória e a tradição familiar, mas, apesar da importância disso, ela acaba interferindo nas escolhas da menina. Uma boa pergunta a se fazer nesse momento é: como equilibrar as tradições, que são importantes para a memória de uma família e de um povo, e as predisposições pessoais e as ambições? Os alunos podem dar respostas mais pessoais, falando sobre sua própria experiência em família. Essa conversa, mais livre e pessoal, contribui para gerar empatia em relação à história e à personagem, e os predispõe a identificar-se com o livro, o que é bastante importante para a leitura.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Ao final da leitura de *As velhas fiandeiras*, retome com os alunos os cartazes elaborados e peça que avaliem a necessidade de completar ou modificar o que está escrito em cada cartaz. Com isso, é possível reunir alguns elementos básicos para ler uma peça de teatro. Solicite então a eles que registrem no caderno os elementos listados nos cartazes. É importante dar um tempo para que todos observem os trabalhos dos colegas e completem seu registro livremente.

Em seguida, sugerimos a exibição do vídeo com trechos da peça ence-

nada pelo grupo As Meninas do Conto (disponível em: <<http://bit.ly/2xot2Dx>>; acesso em: 28 maio 2018). Confrontar essa encenação com o que cada aluno imaginou é uma atividade interessante. Para isso, deixe que os estudantes vejam o vídeo inteiro sem comentários e, após a exibição, solicite que respondam às seguintes questões no caderno, em sala ou como lição de casa:

- 1.** O que você achou da montagem da peça *As velhas fiandeiras*, feita pelo grupo As Meninas do Conto? Foi como você imaginava ou foi diferente?
- 2.** Quais elementos da peça você imaginava de uma forma e o grupo apresentou de outra?
- 3.** Quais aspectos do texto aparecem na montagem do grupo de forma parecida com o que você imaginava?
- 4.** Você teria feito escolhas diferentes na encenação da obra? Quais e por quê?

O objetivo dessas questões é levar os estudantes a compreender que existem diferenças entre o texto escrito e as soluções possíveis para esse texto no palco. Portanto, durante o compartilhamento das respostas, é importante que haja uma discussão para problematizar esse aspecto.

No teatro, atores e diretores encontram certas limitações e respondem a elas criativamente. No vídeo da peça apresentado, em uma cena, é preciso que haja uma janela no palco. A solução apresentada pelo grupo foi estender um pano que fez as vezes de janela. E como fazer para que uma atriz tenha um lábio enorme, um dedo gigante ou um pé desproporcional? Grande parte da mágica do teatro reside nos contratos implícitos que os atores fazem com a plateia e que a plateia “compra”: um pano não é uma janela, mas o espectador entende que representa uma, bem como um pé gigante feito de pano não é um pé gigante, mas o espectador aceita isso. O personagem Príncipe, por exemplo, é feito por uma atriz mulher, e isso é evidente. Mas, como se trata de teatro, todos aceitam o contrato implícito proposto: uma atriz mulher representando um personagem homem. Discutir com os alunos essa

relação é fundamental para que eles compreendam um pouco mais dessa forma artística tão enriquecedora.

Durante a exibição do vídeo, também ficarão claros alguns elementos teatrais de grande impacto: a atuação, o figurino, o cenário, a iluminação e o som. Pause em uma das cenas e peça aos alunos que observem esses elementos que, juntos, formam o espetáculo, mas, separados, cada um tem sua importância.

Para finalizar essa reflexão, é interessante exibir uma adaptação audiovisual dessa peça feita pela TV Cultura (disponível em: <<http://bit.ly/2JfVxru>>; acesso em: 28 maio 2018). Na linguagem televisiva, estão envolvidos outros elementos, diferentes do teatro, os espaços são diferentes, há a presença da câmera etc. Problematizar essas e outras características pode gerar uma boa discussão.

Por último, os estudantes podem experimentar um pouco a arte de fazer teatro, encenando diferentes partes de *As velhas fandeiras*. Divida a turma em grupos e proponha que escolham uma cena da peça para representar. É importante que todos experimentem um pouco a atuação, a direção, a elaboração de figurinos, de cenários e de sons. Essa é uma atividade divertida tanto para os alunos que atuam quanto para os que assistem e traz maior consciência sobre os processos envolvidos em uma montagem teatral.

6. POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

HISTÓRIA

Um dos processos históricos mais significativos pelos quais as sociedades passaram e continuam passando é a transformação majoritária da força de trabalho manufaturada em indústria. Esse processo não ocorreu unifor-

memente, convivemos com a presença das duas formas de trabalho ainda hoje. No entanto, o surgimento da indústria modificou de maneira decisiva nosso mundo, as dinâmicas existentes na sociedade, bem como a subjetividade do indivíduo.

A presença de fiandeiras neste livro sem dúvida é um elemento que causa certo estranhamento nos estudantes. Muitos com certeza não conheciam a existência dessa profissão e devem desconhecer o processo de elaboração de um fio, que depois vira tecido e em seguida roupa. Essa é uma relação muito interessante para explorar na disciplina de História e pode favorecer o desenvolvimento das seguintes competências:

3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

[...]

5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações. (BRASIL, 2017, p. 400.)

É possível pensar em diversas questões problematizáveis: como era o trabalho antes da indústria; qual o impacto do surgimento da indústria na sociedade e no indivíduo; por que ainda existe o trabalho manufaturado, mesmo com a presença da técnica de produção em série; qual a importância do trabalho manufaturado; como se relacionam as indústrias com o mercado e o indivíduo; como se transforma o valor do trabalho após o surgimento da indústria e da produção em série; entre outros temas subjacentes a esses.

Tendo em vista essas questões e a forma como a BNCC aborda a disciplina de História, dividindo-a nos processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise, sugerimos que se aborde a produção têxtil a

partir dessas etapas: como se produz e se produziu o fio/tecido durante a história? O professor dessa disciplina pode dividir os estudantes em grupos propondo a eles que pesquisem como se produziram fios/tecidos em diferentes períodos históricos, antes e depois da Revolução Industrial. Esses grupos podem então apresentar seminários para a turma. O trabalho em Língua Portuguesa já os terá previamente apoiado no entendimento do processo de realização dos seminários, bem como os últimos podem gerar uma revisitação mais rica à obra.

ARTE

A disciplina de Arte, na BNCC, contempla artes visuais, dança, música e teatro, e privilegia sua interseção:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartmentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance*. (BRASIL, 2017, p. 194.)

Nesse sentido, o teatro parece ser a situação mais propícia para esse tipo de interação das linguagens. Proponha, portanto, aos alunos que elaborem uma montagem da peça *As velhas fandeiras*, unindo Teatro, Música, Dança, Artes Visuais e Língua Portuguesa.

Após terem lido e refletido sobre a obra nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos prepararão nas aulas de Arte a montagem da peça. Como cada aluno possui certas aptidões e experiências que se manifestam nas diferentes formas de arte, é interessante organizar um projeto no qual todos possam se agrupar de acordo com diferentes funções:

- Grupo 1: atores e diretores. O foco desse grupo é a montagem da peça a partir das técnicas de atuação, com o auxílio da direção;
- Grupo 2: músicos. Esse grupo toma decisões em relação a como serão executadas as músicas da peça, quais instrumentos serão utilizados, e pode elaborar novas canções, se quiser. E participa da apresentação tocando a trilha sonora elaborada;
- Grupo 3: artes visuais. Nesse grupo devem ser elaborados os adereços e os figurinos da peça.

É evidente que cada realidade encontrará suas limitações, tanto de organização quanto de disponibilidade de materiais.

Outra opção é realizar um teatro de bonecos; nesse caso, as habilidades ligadas ao teatro estão mais voltadas à voz. Do ponto de vista das artes visuais, é necessário maior investimento.

Uma das etapas mais importantes desse processo é o momento de apresentação da montagem para um público real. Um projeto, como modalidade organizativa educacional, ganha sentido somente quando apresenta uma significação real. Para esse tipo de produto, é somente através de uma apresentação para outros estudantes, pais ou outros integrantes da comunidade escolar que alcançará seu objetivo.

Esse trabalho favorece o desenvolvimento de algumas das competências da disciplina Arte:

4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

[...]

8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes. (BRASIL, 2017, p. 400.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Conselho Nacional de Desenvolvimento da Educação (Undime), 2017.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- _____. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. São Paulo: Artmed, 2007.